

# Introdução à etnossemiótica<sup>1</sup>

Francesco Marsciani

**Resumo:** Etnossemiótica é uma análise estrutural das práticas desenvolvidas por agentes sociais (humanos ou não humanos) em uma dada comunidade cultural. Essas práticas são assumidas como organizações textuais e assim definíveis e analisáveis. Agentes e comunidade cultural são tratados como campos relacionais próprios, cujas trocas, tanto as intersubjetivas quanto as interculturais, devem ser investigadas. O objetivo final da análise etnossemiótica é explicar o significado interno das práticas em si mesmas. A mistura de duas disciplinas, etnografia e semiótica, é útil ao analista que se beneficia, por um lado, de uma tradição da semiótica estrutural e gerativa que já lhe disponibiliza ferramentas consolidadas e testadas de análise textual (esquemas diferenciais, sintaxe actancial, estruturas modais, estratégias discursivas etc.), capazes de extrair e iluminar as pedras angulares dos efeitos de sentido de vários textos sociais; de outro lado, da capacidade de extrair de uma observação os sentidos relevantes dos traços de qualquer agente cultural. Nossa contribuição será expor algumas etapas do desenvolvimento da metodologia etnossemiótica, a teoria de fundo sobre a qual baseamos nossa análise, e alguns outros resultados que estamos esperando no futuro próximo. Dois ou três pequenos exemplos de casos estudados mostrarão os procedimentos analíticos que usamos durante o trabalho etnossemiótico.

**Palavras-chave:** etnossemiótica; metodologia de observação; efeitos de sentido; práticas cotidianas

**Abstract: Introduction to ethnosemiotics.** Ethnosemiotics is a structural analysis of the practices deployed by social agents (both human and nonhuman) in a given cultural community. Such practices are assumed to be textual organizations, such as definable and analysable. Agents and cultural community are treated as a single relational field, which changes, both inter-subjective and inter-objective, should be investigated. The ultimate goal of ethnosemiotic analysis is to account for the internal meaning of practices themselves. The mix of two disciplines, ethnography and semiotics, is fertile because the analyst benefits, on the one hand, from the tradition of structural and generative semiotics by which are available today consolidated and tested tools in textual analysis (differential schemas, actantial syntax, modal structures, discursive strategies, ...), capable of bring out and illuminate the cornerstones of meaning effects of various social texts; second, he benefits from the ability of ethnographic investigation to bring out in the root of an observation the relevant meaning traits of any cultural agency. Our contribution will try to expose some steps in developing the ethnosemiotic

---

<sup>1</sup> Tradução de Sílvia Alencar e revisão técnica de Ana Claudia de Oliveira e Marcelo Machado Martins.

methodology, the background theory on which we base our analysis and some further results that we are expecting in the near future. Two or three short examples of case studies will show the analytical procedures that we use during the ethnosemiotic work.

**Keywords:** ethnosemiotics; observation methodology; meaning effects; daily practices

## Introdução

Os trabalhos desenvolvidos pela *semiótica das práticas diárias* ou, como se quer aqui, pela *etnosemiótica*, são provenientes dos estudos e pesquisas que têm como pano de fundo o arcabouço teórico e metodológico proposto pela semiótica francesa de Algirdas Julien Greimas. Para uma primeira abordagem do termo *etnosemiótica*, podem ser consideradas, por exemplo, as pesquisas realizadas na Universidade de Bolonha, onde os pesquisadores assumem a vertente da etnosemiótica quando consideram particularidades no “modo de observar, descrever e analisar o comportamento real de atores sociais em suas atividades diárias”. As ações de “observar, descrever e analisar” podem ser compreendidas do ponto de vista da semiótica, isto é, a partir de procedimentos de descrição e análise dos objetos.

A “descrição” e a “análise” semióticas já se consolidaram em inúmeras publicações de estudos e de pesquisas centradas no âmbito da *textualidade* (tanto do ponto de vista linguístico quanto do ponto de vista semiótico), bem como no âmbito da *narratologia*, da *pragmática*, da *semântica*, entre outros. Se essas ações de “descrever” e de “analisar” encontram-se relativamente consolidadas e difundidas, resta-nos explicar e explicitar, portanto, o que seria uma “observação semiótica”, para a etnosemiótica.

Questões como as que seguem podem ser o mote de uma discussão do que vem a ser a “observação” nos estudos propostos aqui: 1) podemos aplicar o atributo da semiótica diretamente à atividade de observação?, 2) à observação quanto ao objeto observado são similares ao que se entende por signos ou textos? Para respondê-las, visando a um melhor entendimento do seu alcance, esta explanação foi organizada em duas partes: na primeira, será discutida a semiótica como instrumento útil a outras disciplinas e, na segunda, serão apresentados aspectos do desenvolvimento da semiótica no interior da própria teoria semiótica.

## Semiótica como instrumento interdisciplinar

Se se voltam os olhares para as disciplinas que costumam estudar *práticas diárias* e seus *valores culturais*, é preciso reconhecer uma tradição *antropológica* como método para o tratamento do comportamento cultural. A saber, que essa tradição sempre manteve e reconheceu uma profunda relação entre a reconstrução do horizonte cultural das comunidades e a dimensão de toda articulação simbólica (a exemplo do que o resultado dos trabalhos etnolinguísticos de Edward Sapir ou do que a relevância dos trabalhos

de Roman Jakobson aportaram à Antropologia Estrutural de Claude Lévi-Strauss, e outros, ainda, como os trabalhos desenvolvidos por Mary Douglas, por Victor Turner, e assim por diante). Dentre os vários pesquisadores que tomaram a *natureza textual do objeto etnográfico*, destaca-se Clifford Geertz, que definiu o ofício do pesquisador em antropologia como “interpretação das interpretações”.

A importância que o conceito de “interpretação” tem no pensamento de Geertz reside no fato de que ele está pronto a considerar *o objeto etnográfico como um texto real*. Dessa forma, um texto é necessariamente interpretado de maneira prévia e, por consequência, o objeto etnográfico (comportamento, ritual, prática, atitude, gesto etc.) pode ser considerado um texto toda vez que aparece como fenômeno interpretável.

Com efeito, a etnografia “interpreta interpretações” na medida em que seus objetos são tomados como textos, como, por exemplo, nas “coisas” em que os processos de significância são reconhecidos. “Interpretar interpretações” conduz o pesquisador a um amplo domínio das contínuas transformações de um texto em outro, ao longo da chamada cadeia de interpretações, além de orientar o pesquisador a considerar a própria interpretação como uma transformação. Até mesmo Clifford Geertz reconhece que esta é somente uma das consequências da visada proposta e, por isso, propõe que o conceito de interpretação compreenda uma descrição etnográfica, a denominada “descrição espessa”. Segundo o autor, é preciso ainda reconhecer que todo pesquisador em etnografia é obrigado a produzir descrições espessas, cujos resultados demonstram que a principal característica de todo texto é ser composto por múltiplos níveis, por múltiplas camadas e por muitas perspectivas – de ser também envolvido por interpretações prévias.

O problema dessa junção de perspectivas reside justamente no *como realizar e até que ponto realizar* a descrição espessa de uma prática, de um gesto ou de um comportamento. Quanto a isso, Geertz defende a ideia de que uma boa descrição evitaria a aceitação de uma hipótese, que seria melhor não comprovar, ou, de outra perspectiva, deixaria de lado a hipótese, que seria melhor comprovar. Para ele, portanto, uma boa descrição deveria se posicionar justamente entre uma *sobreinterpretação* e uma *subinterpretação*, ações cognitivas de cunho científico que proporcionam leituras de fenômenos para *além* do que a razão permite e para *aquém* do que a razão requer.

Tal quadro enunciativo que se apreende nas pesquisas etnográficas mostra que as descrições parecem se concentrar no presente. Pode-se dizer, assim, que o trabalho etnográfico se situa entre o perigo de uma leitura demasiadamente estruturada no fenômeno, com o risco de reduzir sua variedade e riqueza, e o perigo de uma leitura demasiadamente próxima do fenômeno, o que acarreta o risco de se seguir indefinidamente todas as curvas e seus densos desenvolvimentos. Essas dificuldades, são compartilhadas pela Etnometodologia e pelas Ciências Sociais, a exemplo do que ocorre em Sociologia, etnograficamente orientada, além de ocorrer também na recente (e importante) tradição dos Estudos Culturais.

Por vezes, corre-se o risco de uma descrição muito rígida, constricta pela força de várias categorias enraizadas nas diferentes disciplinas, e, ao mesmo tempo, corre-se o risco de uma percepção demasiadamente livre do objeto observado, pois apoiada de modo excessivo nos registros que preenchem os cadernos de anotação de muitos campos.

Diante dessas dificuldades, as considerações de Geertz tematizam um “pedido de controle”. Uma teoria de condições de textualidade, que é justamente o que propõem os estudos da semiótica, é de fato requerida, quando precisamos de uma boa participação das “descrições espessas”. É mister reconhecer a necessidade ou a emergência de uma teoria que permita aos pesquisadores categorizar seus objetos de estudo, para dar a eles uma boa forma, notadamente científica, sem que se constriam os fenômenos em gaiolas previamente montadas. Assim, é preciso reconhecer que muitas discussões sobre a necessidade de um conjunto de categorias, mais ou menos fortes e certificadas, no domínio dos estudos antropológicos, estão envolvidas por um viés político ou ideológico do pesquisador, sendo que esse diz respeito às suas atitudes descritivas, evidenciadas, por exemplo, quando analisam culturas em tempos pós-colonialistas que não a sua.

Esse problema, tido muitas vezes como de retidão política, gera uma dificuldade para o pesquisador, qual seja, a de manter uma boa medida ao estabelecer a distância entre o fenômeno observado e o olhar do observador. Quando pensamos num conjunto de categorias, geralmente pensamos em formas pré-configuradas que nos permitem organizar o fenômeno em padrões, independentemente de sua vitalidade interna. Além disso, o procedimento de categorização visa a possibilitar, do ponto de vista da grandeza do fenômeno, a sua capacidade interna de se interpretar indefinidamente. É, aqui, portanto, neste ponto em particular, que a semiótica pode oferecer auxílio às demais disciplinas, na medida em que apresenta seu aparato teórico e metodológico em outro nível, que não é o mesmo das manifestações empíricas de signos e ocorrências, mas, ao contrário, o das múltiplas camadas de condições da significação.

Deste modo, podemos apontar para algo que é de fato compartilhado pela totalidade das Ciências Humanas, isto é, um arranjo e uma articulação de valores que permitem o desdobramento e a evasão do sentido manifestado. Em outras palavras: quando Clifford Geertz e a Antropologia pós-estruturalista sustentam que o objeto etnográfico deva ser tomado como texto, a semiótica se apresenta a eles como um suporte para oferecer uma teoria bem construída sobre o que os textos são, além de poder aportar aos estudos de outrem um método amplamente testado de análise textual. Se um texto é um dado texto, ele o é porque é reconhecível devido a uma inerência recíproca entre expressão e conteúdo, do que se abstrai que “tudo no mundo” pode ser considerado como um texto, dado que é interpretável. Logo, não importa que tipo de ocorrência seja encontrada, pois o que é relevante é a capacidade do analista de interpretá-la e, portanto, analisá-la com as ferramentas providas pelo aparato teórico e metodológico da semiótica.

Este é o caso do comportamento humano em geral, porque a natureza do texto não depende das substâncias por meio das quais os sentidos se apresentam e porque são as formas que tornam possíveis a sua articulação.

Os etnógrafos, ao contrário, não executam um exercício analítico, procurando, em vez disso, a partir do ponto de vista antropológico, alguns critérios intrínsecos para descrever o que consideravam como texto. Desse ponto de vista, precisamos admitir que numerosas suposições acerca de uma abordagem semiótica dos dados etnográficos não não representaram uma abordagem analítica real, pelo menos em termos semióticos. Por exemplo, há muitas explicações dos objetos analisados a partir do ponto de vista das relações de poder, *status* identitário, pertencimento a classes etc., além das explicações econômicas e de muitas outras baseadas em alguma ideia filosófica do que a natureza humana vem a ser, e assim por diante. Conforme se defende, aqui, nenhum desses tipos de explicação se preocupa diretamente com a “análise textual”. Portanto, os semioticistas precisam responder ao “pedido de controle” de Clifford Geertz, a partir, evidentemente, de uma poderosa semiótica focada na natureza do texto. E essa semiótica pode ser encontrada, por exemplo, na vertente estruturalista e gerativa da semiótica francesa, que considera seu objeto um conjunto de níveis formais imanentes pretendidos como condições de possibilidade de significação.

A organização interna do aparato teórico e metodológico da semiótica é conhecida por muitos pesquisadores, e ela provê uma estrutura hierárquica entre diferentes níveis de profundidade. Num primeiro patamar, no nível das estruturas fundamentais, quanto mais abstrato ou mais profundo o nível de produção de sentido, mais evidente se torna uma gramática da diferença, que é bem conhecida como “quadrado semiótico”, considerada como base de qualquer possibilidade de sentido porque não existe significação alguma sem a diferença de elementos. Tal procedimento será muito útil em diversos casos e contextos, pois ele possibilitará a determinação de quanto um gesto, por exemplo, fará sentido, ao ser comparado a outro, além de poder contribuir para a distinção de uma posição superior ou inferior, ou outra da qual se extraia um valor de uma negação da posição superior, da mesma forma que ainda baseada numa negação da inferior.

Num segundo patamar, no nível das estruturas narrativas, encontra-se o que é denominado “gramática narrativa”. Ela se apresenta como uma reconstrução formal das relações entre os chamados actantes (sujeito, objeto, emissor, receptor, adjuvante, oponente), definidos com funções ou papéis desempenhados por qualquer entidade discursiva dentro do desenvolvimento narrativo ao qual pertence. A gramática narrativa pode articular-se em diferentes níveis de profundidade, indo das formas mais simples de expressão elementares até os esquemas mais complexos de relações, que é a gramática modal.

Num terceiro patamar, no nível das estruturas discursivas, existe um conjunto subsequente de níveis imanentes que podem ser considerados como abrangentes da qualidade discursiva de qualquer significação textual. Isso quer dizer que,

dentro do senso de valores de qualquer texto, todos os aspectos concernentes ao texto produzido em uma situação ou, do ponto de vista teórico-metodológico, enunciado, fazem parte da significação – mesmo as relações estabelecidas do ponto de vista temporal, espacial e entre um enunciador e enunciatário. Neste nível, portanto, aparecem “cenas”, nas quais *espaços*, *tempos* e *atores* são instalados. Esses espaços, tempos e atores, diferentemente dos papéis gramaticais assumidos pelos actantes no nível das estruturas narrativas, são renomeáveis e reorganizáveis ao longo do desenvolvimento textual. Da mesma forma, os chamados *temas* e *figuras*, que são valores nomeáveis e coisas, têm lugar nessas cenas e, portanto, podem tornar estáveis os elementos que consideramos objetos de significação.

Finalmente, esses três níveis, muito brevemente nomeados aqui, podem ser considerados como a condição imanente de qualquer significação, o que nos mostra que qualquer texto é o resultado da seleção e da combinação dessas condições.

A economia das relações estabelecidas entre os diferentes níveis da natureza imanente dessas condições é uma garantia de que não existem textos iguais uns aos outros: vistos pela profundidade dessa teoria hierárquica, não há riscos de restringir as manifestações da significação em gaiolas predeterminadas de categorias formais. *As categorias são ferreamentas que auxiliam o analista a controlar as próprias descrições de infinitas variações do domínio dos textos.* Isso significa que as categorias não são reconstruções das razões dos eventos, mas sim as explicações de sua possibilidade de fazerem sentido.

Em suma, é isto que a descrição semiótica pode oferecer: um conjunto articulado de instrumentos que permitem ao analista adentrar no complexo domínio da significância do mundo – eventos, coisas, afetos, práticas, enfim, tudo o que pode ser considerado texto.

## **Desenvolvimento da semiótica no interior da disciplina**

Dado o alcance da disciplina em comparação com as outras ciências, é possível, então, retomar uma das questões iniciais deste trabalho, a partir de uma outra pergunta bastante pertinente ao que estamos discutindo: como determinar o plano de abordagem etnossemiótica da teoria semiótica? Como vimos, pode-se simplesmente sustentar que a etnossemiótica não é nada mais do que semiótica como a conhecemos e como, geralmente, a praticamos. De fato, isso procede, mas...

Tempos atrás a semiótica conheceu um tipo de texto que lhe chegou por solicitação de estudos de publicidade e *marketing*, hoje incorporados aos objetos da análise semiótica. As descrições semióticas de produtos, de campanhas publicitárias, de estratégias persuasivas e de avaliações semioticamente apoiadas sobre a eficácia do processo promocional, no caso do *marketing*, mas também as que se apresentam na política, representam uma prática analítica bastante recorrente e já consolidada nos estudos da semiótica. Contudo, num determinado ponto do desenvolvimento das pesquisas, com vários aportes já integrados à semiótica por meio do trabalho dos pesquisadores em semiótica, isto é,

durante o contínuo “fazer-se” da teoria semiótica, ocorreu, por exemplo, que o “pedido”, uma das possíveis figuras da manipulação, tornou-se ligeiramente diferenciado, conforme pôde ser constatado num conjunto de discursos promocionais ou persuasivos.

Os interessados em consultorias e produtos semióticos começaram a nos procurar para solicitar uma avaliação do que realmente havia acontecido no cerne da situação de compra, de modo a discutirmos como as pessoas escolhiam o produto, como as pessoas se sentiam dentro do supermercado, quando as pessoas se sentiam inabaláveis ou, ao contrário, em dúvida sobre suas preferências e assim por diante. Na ocasião, o que tentamos responder, já considerando esse problema como um desafio, foi: “Vamos ver! Vamos ver o que realmente acontece!”. Tal decisão envolve, obviamente, algumas dificuldades.

O que é exatamente “o que realmente acontece”? O advérbio “realmente” significa que o que acontece é algo não relacionado a alguma interpretação do fato ou aos valores significantes que ele presume de qualquer modo em seu contexto? O verbo “acontecer” implica um outro tipo de evento, um tipo de “como é?”. Sabemos que é impossível olhar para qualquer evento sem qualquer premeditação, como se ele se estruturasse sem qualquer antecipação, sem qualquer expectativa. Portanto, devemos estabelecer um bom nível de pesquisas, por assim dizer, que abarque a ambos, o “realmente” e o “acontecer”: uma boa definição do que é considerado nosso objeto e suas características e a uma boa distância da observação.

Como vimos anteriormente, a semiótica trata de eventos desde que eles possam ser assimilados como textos, e esse método pode ser útil para outras ciências humanas, na medida em que sua análise pode revelar algumas organizações de valores envolvidos no fenômeno. Então, *temos de procurar por textos e não por coisas ou simples fatos*. Precisamos reconhecer e possivelmente escolher o instante em que alguma coisa se torna um texto, quer dizer, o movimento da emergência da interpretação.

A partir de uma teoria semiótica orientada para a geração do sentido, precisamos estabelecer *de onde inserir a análise dos eventos como se eles fossem textos*. Em princípio, todos os níveis estão sempre envolvidos, porque todos eles são componentes do sentido manifestado e com ele contribuem por sua própria organização. Nosso objetivo é, portanto, encontrar um bom caminho no qual uma boa distância de observação seja exatamente isso. Daí decorre a principal pergunta em torno da discussão proposta aqui: quais são as características dos objetos de que precisamos para abordar um evento se ele fosse um texto?

É claro que, no caso do comportamento de um consumidor em um *shopping center*, por exemplo, seus gestos, suas escolhas, seus caminhos são sempre interpretáveis. Na maioria dos casos, o etnógrafo presume alguns motivos para explicar o que aparece diante dele e, em muitos casos, ele deve pedir ao consumidor que justifique o seu gesto. O que ele encontra nas respostas dos consumidores são, geralmente, temas e figuras, pois esses elementos são uma série de sinais que tomam lugar na cena, que, para o semiótico, é

uma “cena discursiva”. Em oposição, interrogamos à própria cena, pedindo para que nos mostre como é construída, qual é a sua organização; em outras palavras, analisamos a maneira pela qual a cena se faz por relações entre espaços, tempos e atores em constantes e recíprocas interações. Essa é a maneira pela qual a etnossemiótica tenta aproximar as práticas de atores sociais e valores envolvidos. A questão é: como o espaço, o tempo e as coisas que habitam a cena podem ser formados, moldados? Os *espaços* são “preenchidos” ao longo das linhas de organização que são distâncias, extensões, larguras, profundidades; os *tempos* o são de acordo com organizações tensivas de continuidades, pontualidades, simultaneidades, relações aspectuais; e os *atores* e *coisas* o são pela ampla variedade de definições/indefinições, singularidades/multiplicidades, e assim por diante.

Dessa forma, esperamos nos aproximar do que chamamos “imagem da cena”, o que significa que, de alguma maneira, temos que “tocar a experiência”. Já que a semiótica pode tratar do significado de qualquer experiência, no nosso caso devemos considerar experiências como efeitos de sentido empíricos, o que conhecemos no mundo como sempre uma “mundo vivido” (*Lebenswelt*). Esses efeitos de sentido são escolhidos pelos atores sociais graças ao seu sistema estrutural, e essas organizações significantes são totalidades de imagens. Aqui, toda clareza é necessária para tornar explícitas as relações entre os conceitos abarcados: *um efeito de sentido é a maneira pela qual o mundo se torna significante em qualquer momento para alguém*. Assim, pode-se dizer que as substâncias das quais nosso “mundo vivido” é composta constituem a dimensão da nossa experiência de significado, de significação.

A característica mais importante do efeito de sentido é que ele aparece como um “todo” e essa característica corresponde a uma ideia dos eventos que requerem descrições típicas, como vimos anteriormente. Este é o nível do empírico da manifestação (de acordo com Hjelmslev e sua glossemática), que é a mesma dos signos. Mas enquanto os signos são geralmente considerados como entidades pertencentes a alguma linguagem ou a algum sistema semiótico ou código, os efeitos de sentido – no nosso sentido – são eventos inteiros, imediatos, intuitivos da experiência vivida. Ao mesmo tempo, sendo fenômenos dos sentidos, tais efeitos apresentam uma segunda frente, um lado formal que se presta a ser *des-implicado*, explicado, aberto em um sentido, e então analisado. Esse lado formal, ainda que seja um *todo*, apresenta os efeitos da convergência, da composição e da organização de muitos traços formais possíveis, isto é, das muitas linguagens, dos muitos sistemas semióticos e processos, das muitas possibilidades de significação.

O que defendemos, portanto, é que imagens são nossos primeiros objetos etnossemióticos; elas são o que podemos investigar com nossos instrumentos semióticos, já que são os modos pelos quais as experiências se tornam textos. Em outras palavras, são o que podemos analisar graças ao fato de que podem ser consideradas como arranjos de traços significantes.



É claro que precisamos entender essa imagem em um sentido mais amplo. Não se trata apenas uma imagem visual, mas, em geral, de todas as formas com as quais o mundo vivido (*Lebenswelt*) se mostra à nossa percepção (e percepção também pretendida em um sentido mais amplo, que é algo como uma “geral-cepção”, como se fosse exterocepção, interocepção, propriocepção). Como todo elemento signifiante, imagens são envolvidas por transformações, o que as autoriza a serem apreendidas pelas singularidades que pontuam essas cadeias de sentido, sendo que todas as diferenças que podemos reconhecer ao longo dessas transferências são as variações que se destacam em relação a uma base de permanência, que é a característica de toda significância.

O que significa analisar as práticas diárias (gestos, afetos, comportamentos) de atores sociais como se elas fossem imagens? Quando falamos sobre imagens como organização de efeitos de sentido, esperamos que isso nos permita tratar essas práticas como experiências vividas (*Erlebnisse*). Isso significa que estamos tentando nos aproximar da maneira pela qual as pessoas dotam seus atos, seus comportamentos, seus sentimentos etc., também com valores significantes, além de entendermos a maneira como todos esses atos, comportamentos, valores, sentimentos podem ser vividos como experiências.

Nosso próximo passo consiste em discutir as relações entre atores da experiência e seus ambientes semióticos, que é o que consideramos a “articulação plástica” de cenas discursivas. Diante de um evento, uma prática, um objeto etnográfico, nós nos perguntamos: 1) De que modo podemos dizer novamente, expressar novamente, reconstruir a imagem de modo que se torne possível extrair e reconhecer o que é relevante? e 2) Qual é a primeira e mais simples transformação que nos permite considerar algo signifiante? Agora, tentando ir além dessas definições demasiadamente abstratas, gostaria de relatar um estudo de caso no qual alcançamos parte das respostas às questões suscitadas.

A prefeitura do município de uma pequena cidade próxima a Roma, chamada Monterotondo, que, em português, significa Monte Redondo, precisou restaurar uma importante avenida ao lado do antigo centro da cidade. Sua relevância residia no fato de que era o lugar de uma prática que consistia em se andar de lá para cá durante duas ou três horas ao entardecer. Como tal prática é bastante comum no continente italiano, toda cidade pequena possui um local para sua realização, que geralmente é a sua rua principal. Havia sido decidido que tal intervenção seria cautelosa e, para que isso ocorresse, a prefeitura decidiu organizar um plano participativo, organizando alguns *workshops* com a população, contando com a presença de *designers* e de um antropólogo, para liderar e coordenar as discussões, sendo estes responsáveis também pela submissão do resultado das discussões ao município – que, se esperava, seria uma análise etnossemiótica da avenida.

O que eu quero mostrar, em particular, é a diferença entre pelo menos dois níveis de análise. Existe, é claro, um nível importante que consiste no que as pessoas dizem, o que as pessoas relatam a respeito de seus sentidos, intenções, valores, memórias, talvez seus sonhos e os problemas. Esses “relatos” e essas “descrições” podem ser tratados como

textos clássicos e de uma maneira tradicional. Mas há outro nível de análise que pode oferecer outros elementos para uma apreciação analítica, os quais podem nos revelar um *quê* analítico a mais. Esse é o nível das imagens experimentadas na avenida, na ação de andar por ela.



Fig.1. A avenida central de Monterotondo com sua alameda de árvores frondosas e suas calçadas.

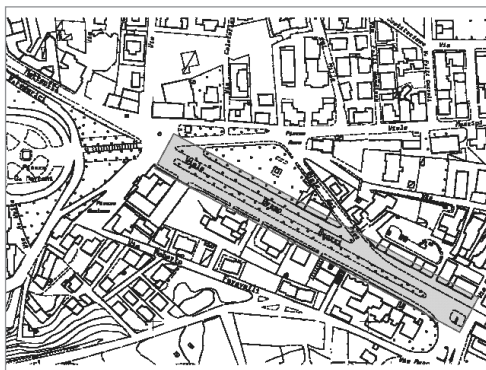


Fig.2. No mapa do centro de Monterotondo a extensão da avenida central é destacada em cor cinza.

Quero destacar dois dos maiores aspectos desse ambiente. Em primeiro lugar, é importante entender qual a posição e o papel que a avenida ocupava na cidade, considerando sua localização e funções. De início, foi observado o fato de a avenida ser como uma linha de fuga, tangente logo abaixo da forma redonda do antigo centro da cidade. Essa primeira consideração sugere que temos que levar em conta a maneira pela qual o espaço gerencia suas relações com o núcleo histórico da cidade e nos permite notar que desempenha um papel importante, de modo a nos conectar com a cidade antiga,

com os novos quarteirões residenciais e com alguns novos prédios públicos ao longo da própria avenida (hospital, escola primária e outros estabelecimentos). Temos que reconhecer uma conexão muito importante entre o *antigo* e o *novo*, a *memória estática* e o *presente dinâmico*. Essa função primária, que é a função de *manter junto*, é fortemente marcada pelo fato de que a avenida é diferente de outros espaços ao seu redor, com relação a alguns aspectos importantes: não há tráfego de automóveis, é um dos lugares mais sombrios da cidade, graças ao número considerável de árvores enfileiradas em toda sua extensão, e é uma avenida sem lojas, exceto por uma confeitaria bem em seu centro. Podemos dizer, portanto, que exerce uma forte função identitária em comparação com os outros elementos de seu entorno. Outra consideração: sua distância é estritamente incluída entre duas rotatórias agitadas, uma maior, próxima ao centro da cidade, e uma outra menor, no lado oposto. Isso exponencia sua característica natural, isto é, isolada, de um lado, mas, por outro lado, ligada a porções relevantes da cidade.

Essas poucas e muito curtas observações nos permitem começar a construir uma imagem de nosso objeto baseada na organização elementar de alguns traços espaciais. A começar por associá-la ao valor que seus habitantes atribuem à avenida: o de principal ponto do sistema de relacionamentos, pois mantém as pessoas conectadas umas às outras. Ainda há de se considerar que essa avenida “respira”. Aqui, há outra imagem surgindo. Na verdade, a avenida apresenta duas características complementares: uma é seu desenvolvimento longitudinal, muito relevante sob muitos pontos de vista (por exemplo, ela se estreita à medida em que chega ao fim, ou o fato de haver cinco paralelas ao longo de sua extensão); e a outra característica reside no fato de que, próximo ao início, há algumas estruturas que indicam uma importante expansão das linhas (elas se tornam redondas) e, sobretudo, na expansão representada por jardins públicos em frente à escola. É como uma junção entre a maior parte da avenida e a maior rotatória que mencionamos acima. Essa estrutura topológica é um tipo de organização disponível para ser explorada pelo comportamento das pessoas.

Quando o etnossemiotista observa o que acontece no *boulevard* durante o decorrer do dia, ele nota um fenômeno curioso: pela manhã, as pessoas atravessam, a avenida em toda a sua extensão, seja para ir de casa ao trabalho, às compras, ao correio, ou simplesmente dar uma volta. No meio do dia – digamos, do meio-dia às três ou três e meia da tarde –, as pessoas parecem apresentar alguns desvios curiosos, geralmente procurando um banco para descansar ou ler algumas páginas de seus livros ou jornais. A caminhada é vagarosa, e a atmosfera parece quase suspensa. Às quatro horas da tarde, momentos antes da saída escolar, alguns grupos de jovens começam a sua caminhada, mas não por toda a avenida e sim em volta da parte que fica em frente à escola e aos jardins públicos. Nesse momento, garotas e garotos vêm para verem e serem vistos. Na saída da escola, quando as mães e as avós estão chegando, essa parte da avenida *explode* com

as crianças correndo para e pelos jardins, mães compram sorvetes para elas nos quiosques, garotos que chegam pilotando suas bicicletas, garotas que riem e falam, famílias inteiras (mãe, pai e bebê) e pessoas idosas integram(-se) perfeitamente ao ambiente. A situação continua, aumentando mais e mais com o passar do tempo, até às sete e meia da noite, mais ou menos; e então todos vão para casa jantar. Durante esse tempo, no fim da tarde, a avenida se torna uma praça circular. As relações são laterais, as pessoas se avistam, se comunicam por gestos e sinais, sempre, por assim dizer, em atitude lateral. Quase todos os habitantes deste espaço convergem para esse local e para esse momento importante do dia, que pode ser considerado um auge da vida comunitária, um momento de reconhecimento recíproco e de confirmação identitária.

Todos os dias, a avenida passa por essa transformação, que é essencial para a saúde dos relacionamentos cívicos. Muitas interpretações são possíveis – explorando categorias de várias disciplinas sociais, por exemplo –, muitos relatos feitos pelos próprios habitantes, muitas leituras, muitas narrativas podem ser depreendidas da cena descrita. Mas o que a nossa abordagem mostra é que *há um tipo de organização básica da cena onde espaços, horários e agentes interagem e, juntos, são capazes de determinar uma imagem completa do mundo envolvido*. Por esse cenário, sobre essa base, todas as interpretações podem vir à tona e tomar forma.

Apresentarei outro exemplo de abordagem etnossemiótica voltada para alguns hábitos bastante comuns. Veja-se o esquema abaixo:

<p><b>CABELEREIRO</b> Exibicionismo <i>ABERTO</i></p>	<p><b>MÉDICO</b> Discrição <i>FECHADO</i></p>
<p><b>DENTISTA</b> Vislumbre <i>SEMICERRADO</i></p>	<p><b>ESTETICISTA</b> Prefiguração <i>SEMIABERTO</i></p>

No médico, o espaço é fechado. Ninguém tem acesso ao espaço em que acontecerá a transformação de estado, ninguém pode vislumbrar o que acontece no ambulatório. Do mesmo modo, ninguém pode ver o que acontece no corpo do doente, mesmo porque as causas da doença podem ser invisíveis e somente a competência do médico, inatingível sem um longo processo de aquisição, pode dominar o interior do corpo. Nenhuma negociação é possível, nem sobre o que fazer para recuperar-se, nem sobre os horários das consultas; o significado da doença, a sua relevância na vida diária e como se vive com ela são secundários, pois somente os sintomas são importantes. O sujeito leva seu corpo

ao médico como uma coisa sobre a qual o médico é o único especialista. Essa é uma imagem, um conjunto complexo de peculiaridades associadas a alguns valores atribuídos ao tipo de corpo envolvido, um corpo objetivo, questão de especialidade científica.

No dentista, o espaço é semicerrado (negação do fechado). O espaço das transformações de estado é suficientemente acessível. O sujeito da espera sempre pode ver ou ouvir algo sobre que está acontecendo no consultório; sempre há alguém passando pela porta (enfermeira, assistente, secretária), e as próprias portas são geralmente semitransparentes. A boca não é obscura e inacessível, pois o dentista opera em algo exposto e que as pessoas podem vislumbrar o dia todo.

Negociações são previstas, a exemplo do que fazer e por quanto tempo, e também o preço do tratamento é uma questão de ajustes. As consultas são sempre semicerradas, no sentido de que o importante é determinar um período de tempo (três meses, por exemplo) entre as consultas; e mesmo assim o sujeito pode deslocá-las um pouco. Esse sujeito ainda compartilha uma porção de competências necessárias com o seu dentista. Esse é mais um exemplo de imagem, um conjunto complexo de peculiaridades associadas ao controle da dor e acima de tudo ao controle do medo. Em outras palavras, é uma configuração de discurso visando a produzir a maior calma possível.

No cabeleireiro, o espaço é totalmente aberto. Tudo é visível. Mais: a visibilidade é superenfaticada pelos espelhos e pela ausência de portas e paredes. Todos podem ajudar nas operações, todos podem falar com o cabeleireiro e com o cliente o tempo todo; não há obstáculos para a visão ou para a audição. A parte do corpo envolvida no tratamento fica totalmente visível e o sujeito tem o poder (na verdade, isso depende) de pedir o que ele quer que o agente transformador faça ou o resultado desejado. Desse ponto de vista, tal sujeito tem a mesma competência cognitiva que o cabeleireiro, mesmo se ele aceitar – é claro – que ele possui a competência manual que o próprio sujeito a ser transformado não tem. Comparado à escuridão, do ambulatório médico, onde lâmpadas (ou instrumentos) são focadas basicamente na parte do corpo que dói, aqui a luminosidade é total, com vários pontos de luz e vários reflexos. Os horários, finalmente, não são fixos, mas escolhidos no momento apropriado e dependem quase completamente de como o sujeito organiza o seu tempo. Essa é uma imagem, um conjunto complexo de peculiaridades associadas à configuração da exposição, da exibição, da aparência brilhante de uma cabeça estilizada.

No esteticista (aqui entendido como habitante do espaço para tratamentos estéticos, massagens, luzes ultravioleta etc.), o espaço é semiaberto (negação do aberto). A beleza é o que importa, assim como era o que importava no cabeleireiro, mas nem tudo em que vamos transformar é próprio para ser mostrado, como os pelos nas pernas, os cravos na ponta do nariz, ou nossa pele branca antes do verão. Portanto, os locais das

operações são protegidos e o público não pode ver o que o massagista está fazendo, que a lâmpada não está funcionando, mas essas operações são de alguma forma percebidas: o sujeito consegue ouvir algo, pode ver o reflexo da luz ultravioleta aparecendo por trás das cortinas ou por trás das paredes que não chegam ao teto. Tudo se organiza como se fosse importante gerar algum tipo de curiosidade, algum tipo de *voyeurismo*. Nesses espaços semiabertos, está sendo preparado um lindo corpo que será visível no momento apropriado. A luminosidade, no geral, é feita por pontos de luz bem focados, criando várias áreas amplas de sombra, em cujo foco não se sabe o que está acontecendo. Essa é uma outra imagem, um conjunto complexo de peculiaridades associadas à configuração do segredo, e isso é associado às características do tipo de corpo envolvido.

Tanto no primeiro quanto no segundo caso a observação dos traços relevantes da totalidade de sentido faz parte do fazer etnossemiótico. As práticas diárias são assumidas como organizações textuais analisáveis, e o objetivo final da análise etnossemiótica é explicar o significado interno das práticas em si mesmas. A mistura das duas disciplinas, etnografia e semiótica, é fértil pelos benefícios que essas disciplinas fornecem ao analista, por um lado, de uma tradição da semiótica estrutural e gerativa que já tem disponível ferramentas consolidadas e testadas na análise textual (esquemas diferenciais, sintaxe actancial, estruturas modais, estratégias discursivas, entre outros), que são capazes de extrair e iluminar as pedras angulares dos efeitos de sentido de vários textos sociais; de outro lado, ele se beneficia da capacidade de extração da investigação etnográfica que é apoiada em uma observação dos traços relevantes do sentido de qualquer agente cultural

Tentamos aqui expor algumas etapas do desenvolvimento da metodologia etnossemiótica, mostrando a teoria de fundo sobre a qual baseamos nossa análise e alguns outros resultados que estamos esperando alcançar no futuro próximo.

Francesco Marsciani é professor da Universidade de Bologna.

## Bibliografia

FLOCH, J-M. (1990). *Sémiotique, marketing et communication*. Sous les signes, les stratégies. Paris, PUF (trad. it. :1992, *Semiotica, marketing e comunicazione*. Dietro i segni, le strategie. Milano, FrancoAngeli).

\_\_\_\_\_. (1995). *Identités visuelles*, Paris, PUF (trad. it.: 1997, *Identità visive*. Milano, FrancoAngeli).

GEERTZ, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

LANDOWSKI, E. (1989). *La société réfléchie. Essais de socio-sémiotique I*. Paris: Seuil (trad. it.: 1999, *La società riflessa*, Roma, Meltemi)

\_\_\_\_\_. (1997). *Présences de l'autre. Essais de socio-sémiotique II*. Paris: PUF.

\_\_\_\_\_. (2004). *Passions sans nom. Essais de socio-sémiotique III*. Paris: PUF.

\_\_\_\_\_. (2005a). *Les interactions risquées. Nouveaux Actes Semiotiques*. Limoges: Pulim, v. 101, 102, 103

MARSCIANI, F. (2007), *Tracciati di etnosemiotica*, Milão, Franco Angeli.

*Texto recebido em janeiro  
e aprovado em março de 2012.*